

Conceitos / Contextos / Visões para um programa museológico para a Fábrica Social – Fundação José Rodrigues?

Alice SEMEDO¹ e Susana MEDINA²

Resumo

Este pequeno artigo apresenta conceitos, contextos e visões gerais para o desenvolvimento de um programa museológico para a Fábrica Social – Fundação José Rodrigues (Porto). Este esboço de programa da Fábrica Social propõe um espaço dinâmico de práticas artísticas e culturais, de reflexão e de debate como meio de produção de formas de autonomia e de crítica cultural. Propõe-se a criação de um espaço de reflexividade e construção de pensamento / acção a partir; deste lugar, promovendo parcerias entre os diversos sectores envolvidos, reorganizando recursos e competências culturais e sociais; acreditando na e valorizando a relação com a comunidade local, com a cidade e com o mundo.

This short article introduces general concepts, contexts and visions for the development of a museological programme for the Fábrica Social – Fundação José Rodrigues (Porto). This programme outline for Fábrica Social advances a dynamic space of artistic and cultural practices, a space for analyses and discussion understand as a form for the production of autonomy and cultural critique. This proposal suggests the creation of a space for reflexion and construction of thought / action from this space, supporting partnerships among the different sectors involved; reorganizing social and cultural resources and competencies, believing in and valuing the relationship with local community, with the city and the world.

ACÇÃO APRENDER **ARTES** CELEBRAR CIDADANIA **CIDADE** COLECÇÕES COMPETÊNCIAS COMUNICAÇÃO
CONHECIMENTOS CONSERVAR CONTACTOS CRIATIVIDADE CULTURA **CUMPLICIDADES** DEBATER
DEMOCRACIA DESAFIOS DESCOBERTA DESENVOLVIMENTO DISSEMINAÇÃO DIVERTIR DOCUMENTAR
SUSTENTABILIDADE EMPREENADORISMO **ENGENHO** EXPERIÊNCIAS **EXPERIMENTAÇÃO** EXPLORAR EXPOR
FERRAMENTAS **IDENTIDADES** IMAGINAR INCLUIR INOVAÇÃO INTERCULTURALISMO INTERTEXTUALIDADE

¹ Prof. Auxiliar Departamento Ciências e Técnicas do Património FLUP.

² Técnica Superiora da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

INTERVENÇÃO INVENÇÃO INVESTIGAÇÃO **LABORATÓRIO** LINGUAGENS MEDIAR MEMÓRIAS **MOVIMENTO**
MUDANÇA NARRATIVAS **OBRA** OUTROS PRODUÇÃO PROVOCAR PARCERIAS **PARTICIPAÇÃO** PENSAR
PROXIMIDADE RESIDÊNCIA **RIZOMA** SER SONHAR TECNOLOGIAS TRANSDISCIPLINARIDADE **VALOR**
CULTURAL VISÃO* OLFACTO* AUDIÇÃO* TACTO* GOSTO* VIZINHANÇA³

Justificação e fundamentação do projecto

Nas últimas décadas, na paisagem urbana europeia do século XX, encontramos diversos vestígios da era industrial que, embora carregados de simbologia, foram caindo em desuso e perdendo a sua memória. Tornaram-se espaços de silêncio, lugares de ausência que atestam a brusca passagem do tempo. São espaços que desfiguram os bairros em que se encontram tornando-se, tantas vezes, espaços abertos à marginalidade.

Alguns destes espaços abandonados e desertificados tornaram-se um palco de vida alternativa. Muitos destes lugares – industriais, militares ou comerciais – encontraram novas perspectivas de utilização e, pouco a pouco, adquiriram uma nova vida. A sua condição disponível, polivalente e polimórfica tornou-os mais susceptíveis à transformação e à sua exploração enquanto espaços livres para a criação, espaços abertos a novas experiências culturais e artísticas. Tudo nestas estruturas parece encorajar o fazer, o convívio e o cruzamento de pessoas e ideias. Ao contrário das estruturas arquitectónicas dos espaços culturais convencionais – que impõem um programa e uma certa solenidade no seu usufruto – estes lugares estimulam situações e contextos propícios à arte em produção.

Num momento em que se debate o papel da arte e da cultura na sociedade, reclamando de novo o seu efeito regenerador e agitador, estes lugares, fortemente conotados historicamente com o mundo em transformação, revelam-se territórios ideais para o reforço e renovação desse papel. Procuram-se, então, novas utilizações destes edifícios, que promovam a descoberta de diferentes formas de pensar e agir, de novos processos de interacção entre artistas e públicos, entre os agentes socioculturais que neles trabalham e a vizinhança em que se situam. A UFAFABRIK (Berlim), o WUK (Viena), a Cittadellarte (Biela) são exemplos de sucesso de como estes edifícios industriais podem ser convertidos em espaços activos e arrojados, que encorajam o envolvimento das pessoas, unindo-as em torno de desejos comuns de descoberta, diálogo e afirmação.

Estas experiências não são homogéneas, nem facilmente catalogadas, uma vez que se caracterizam pela originalidade sugerida pelos diversos contextos de onde partem e que constituem o seu objecto de experimentação. Estas *fábricas-oficinas-laboratórios* assumem-se, assim, como *habitats* naturais da criatividade e da inovação.

Conceitos / Contextos / Visões:

Em termos gerais, este esboço de programa da Fábrica Social propõe um espaço dinâmico de práticas artísticas e culturais, de reflexão e de debate como meio de produção de formas de autonomia e de crítica cultural. Propõe-se a criação de um espaço de reflexão e construção de pensamento / acção a partir deste lugar, promovendo parcerias entre os diversos sectores envolvidos, reorganizando recursos e competências

³ Twxto apresentado à Fábrica Social – Fundação José Rodrigues em Setembro 2007.

culturais e sociais, acreditando na e valorizando a relação com a comunidade local, com a cidade e com o mundo.

A consciência de estarmos a viver um tempo marcado por transformações culturais, económicas e políticas, diferentes daquelas que caracterizaram a modernidade e seus pressupostos epistemológicos, obriga-nos – enquanto actores implicados na produção e construção de conhecimento e criação artística – a cartografar novas possibilidades de actuação. Assim, a partir deste comprometimento e apoiando-se em paradigmas emergentes, este esboço de projecto ousa romper com a *disciplinarização* dos saberes / das artes e suas relações de poder, comprometendo-se fortemente com a transversalidade.

PARA MAIOR CLAREZA, APRESENTAM-SE, SEGUIDAMENTE, OS CONTEXTOS QUE ENFORMAM O CONCEITO DESTA FÁBRICA SOCIAL EM PONTOS SEPARADOS, AINDA QUE ARRISCANDO ALGUMAS REDUNDÂNCIAS:

- as infra-estruturas sociais e culturais (infra-estruturas *soft*) mais relacionadas com o desenvolvimento de uma sociedade civil interventiva e de um capital social elevado são, no contexto do pensamento actual, compreendidas como sendo um eixo essencial da *nova economia*. Instituições que alimentem a capacidade de criar relações, que promovam uma cultura liberal, cosmopolita, crítica em relação a verdades absolutas, inquieta, que se arrisca... instituições que assumem a identidade e a singularidade (*mas também a diáspora e a diversidade*) como matéria-prima, que promovam uma sociedade civil consolidada e que acentuem a sua dimensão pública, instituições que desenvolvam estratégias para responder às oportunidades e desafios do mundo em que vivem e que apostam na aprendizagem ao longo da vida e na criatividade, são instituições que fomentam e valorizam o capital social, matéria-prima essencial da inovação sustentável. Numa sociedade fragmentada e sem pontos de referência para a construção de identidades colectivas sólidas, a criação de espaços que reforcem inter-relações e que promovam novos significados de cidadania – configurados em torno de identidades locais, comunitárias e sociais – constitui-se como uma abordagem indispensável para repensar estratégias quer económicas, quer de cidadania activa;
- com o colapso dos sistemas universais de significados, os valores e as responsabilidades éticas assumem-se como temas incontornáveis de investigação das artes e das ciências. A racionalidade amplia-se, ultrapassando os domínios do cognitivo e do científico para incluir a ética e a estética, ultrapassando a divisão kantiana entre ciência, moralidade e arte. A divisão positivista entre factos e valores deixou de ser um eixo axiomático e as questões relacionadas com a responsabilidade das acções locais e pessoais são cada vez mais cruciais;
- as últimas décadas têm sido também marcadas por um forte desejo de mudança e de desenvolvimento da sociedade, na direcção indicada por valores democráticos, nomeadamente, liberdade individual e participação democrática

em processos de decisão relacionados com a construção ou produção da vida social e cultural. Políticos, profissionais, investigadores e artistas redefinem o papel das instituições culturais, especialmente museus e centros de arte, como um meio de expressão destas preocupações. Este contexto materializa-se na adaptação dos espaços culturais a novas valências, que enquadram os diferentes objectivos culturais, educacionais, económicos e sociais. Vejam-se, por exemplo, as políticas actuais de desenvolvimento das bibliotecas do Reino Unido, que se transformam em verdadeiros espaços de informação e aprendizagem, acolhendo os serviços tradicionais de uma biblioteca, mas também acções no âmbito da formação contínua, do emprego, entre outras;

- ao nível local, o enquadramento deste programa relaciona-se, por um lado, com o actual panorama cultural da cidade, deficitário de projectos que privilegiem o debate, a criatividade e a celebração e, por outro, com a consolidação de programas que promovem o Porto como *destino turístico* cultural. A perspectiva de criação de um verdadeiro *cluster* conhecimento / artes adivinha-se como fundamental para as novas estratégias de re-posicionamento económico da cidade. Construir, a partir da Fábrica Social, estratégias e conceitos, gerar intercâmbios e novos espaços de reflexão e produção / criatividade sobre as artes e, sobretudo, a cidade são, então, os nossos principais objectivos. Esta abordagem pressupõe, porém, a criação de roteiros alternativos e diversificados que apoiem esta aspiração, consolidando a oferta cultural. A posição privilegiada da Fábrica Social, no centro da cidade e em proximidade com um elevado número de unidades hoteleiras, reforça a sua capacidade de atracção deste sector;
- ainda neste nível, a Fábrica Social encontra a sua vocação nos contextos históricos e geográficos particulares do lugar onde se inscreve. Contextos que nos levam a assumir, igualmente, as ideias de utopia social geradas no Porto do final do século XIX, como por exemplo, as universidades populares e as universidades livres de que a Cooperativa do Povo Portuense é expressão. Jacinto Rodrigues⁴ refere particularmente este contexto num texto-manifesto sobre este mesmo projecto:

“Na esteira das várias realização socioculturais desenvolvidas na cidade do Porto, ressaltamos a experiência histórica das universidades populares e universidades livres que, no final do século XIX, pulularam nesta zona da cidade e de que a Cooperativa do Povo Portuense é expressão. Esta Fábrica Social viveu este contexto do século XIX e a sua organização não for alheia às ideias de uma utopia social destes anos mais longínquos. Também no século XX, com

⁴ RODRIGUES, Jacinto – *A Fábrica Social*, Documento policopiado, 2007.

Leonardo Coimbra, Agostinho da Silva e Bento de Jesus Caraça, um conjunto de actividades culturais promoveram a auto-formação e a formação associativa da população. As escolas livres de inspiração libertária, a formação da Universidade do Porto e as colecções como os cadernos de iniciação da colecção Cosmos constituíram elementos formativos que estão subjacentes à formação de múltiplos grupos culturais desta cidade como o Teatro Experimental do Porto, o Cineclubes do Porto, a Cooperativa Artística Árvore e o Teatro Seiva Trupe, entre outros.”

As ideias da utopia social estão, igualmente, enraizadas no ideário do movimento operário vivido no Porto no séc. XIX, relacionando as memórias deste lugar com os princípios de liberdade, autonomia e independência do indivíduo, articulados com os princípios de solidariedade, integração e justiça social que caracterizam aquele movimento, como bem referem, a propósito da história do sindicalismo no Porto, Gaspar Martins Pereira e Maria João Castro⁵.

É também a vontade de recuperar uma utopia cultural que nos move e faz acreditar que as artes devem assumir a responsabilidade única de estabelecer laços entre as actividades humanas, da economia à política, da ciência à religião, da educação ao comportamento e re-conectar os diferentes laços que constituem o tecido social. A ideia de um envolvimento criativo onde nos responsabilizamos não só por nós mesmos mas também pelos contextos em que vivemos, pelo futuro da nossa sociedade, da nossa cidade e do nosso planeta constitui-se como o cerne da visão desta Fábrica Social.

O espaço criativo que aqui se propõe é, sobretudo, uma *zona de contacto, de questionamento e de confronto*. Lugar de contacto com a/s obra/s, o/s artista/s, com diferentes narrativas e diferentes visões; lugar de contacto, de questionamento e de confronto entre obras e outros, espaço dialógico e de participação cívica por excelência. É um lugar que procura relevância nos diversos níveis da esfera pública, assumindo o micro-espaço público particular importância, pois é, essencialmente, este o nível que envolve a coordenação de comunicação e de espaços de participação cívica. Não se trata de *fazer-arte* unicamente entre os *suspeitos do costume*; trata-se de criar relevância através da constituição de redes de parcerias locais que funcionem como recursos críticos do lugar que este projecto quer habitar. A Fábrica Social, *lugar de contacto*, é um *lugar performativo*, um lugar de experiência e de *acção comunicativa* que, de alguma forma, materializará os valores da utopia racionalizada de que fala Bourdieu.

Assim, este pré-programa da Fábrica Social assume uma configuração rizomática que melhor se adequa a esta visão, recusando uma hierarquização e compartimentação de saberes, abolindo fronteiras e privilegiando *zonas de contacto*. Assumem-se alguns princípios essenciais:

⁵ PEREIRA, Gaspar Martins e CASTRO, Maria João - Do corporativismo do anarco-sindicalismo : sobre o movimento operário no Porto na 2ª metade do século XIX Gaspar Martins Pereira. *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam*, vol. II, pag. 203-212, 1999.

- **Princípio de conexão:** qualquer ponto de um rizoma pode ser/estar conectado a qualquer outro. Uma das principais características do rizoma é, justamente, a ausência de um centro pré-determinado. Desta forma, os campos de saberes não possuem uma hierarquia, uma centralização disciplinar. Apresentam-se como redes de conhecimentos;
- **Princípio de heterogeneidade:** dado que não existem territórios disciplinares, o rizoma rege-se pela heterogeneidade. Saberes que se des-territorializam e se interpenetram produzindo novas abordagens conceptuais e metodológicas;
- **Princípio de multiplicidade:** o rizoma é sempre multiplicidade que não pode ser reduzida à unidade, ou a homogeneidade;
- **Princípio de ruptura a-significante:** o rizoma não pressupõe qualquer processo de hierarquização. Embora constitua um mapa, a sua cartografia é um devir.

Missão e objectivos

A Fábrica Social tem como missão inspirar e promover formas inovadoras e criativas de olhar, pensar e agir.

Tendo como núcleo fundador e inspirador o trabalho multifacetado e interventivo do Mestre José Rodrigues, a Fábrica Social constituir-se-á como um contexto crítico, com o objectivo de promover e difundir a criação artística e cultura contemporâneas, enfatizando a articulação dos processos de investigação, produção e confrontação aberta, geradora de novas ideias e práticas de concepção da arte. A preservação e abertura pública da obra deste artista portuense é o ponto de partida e a mais-valia deste projecto⁶.

⁶ Estrutura

A Fundação José Rodrigues é constituída pelos seguintes órgãos:

Presidente da Fundação – O Presidente da Fundação é o Mestre José Rodrigues, que exercerá essas funções vitaliciamente e que assume, igualmente, o cargo de Presidente do Conselho de Administração. O cargo só existirá durante a vida do mestre José Rodrigues.

Conselho de Administração – Composto por x membros escolhidos pelo Presidente do Conselho de Administração, com excepção de três a designar, pelo Conselho de Mecenias (um), Conselho Cultural (um) e Conselho Fiscal (um).

Conselho Fiscal – Composto por x membros efectivos e x suplentes.

Conselho Cultural – Órgão de apoio às actividades culturais, constituído por todas as pessoas que o Conselho de Administração considere que poderão colaborar na prossecução dos objectivos da Fundação e cuja presidência compete ao Presidente do Conselho de Administração. As actividades deste Conselho são coordenadas por uma comissão executiva.

Conselho de Mecenias – Este Conselho é constituído pelos Mecenias individuais ou representantes indicados pelos Mecenias pessoas colectivas e pelas pessoas ou instituições a quem o Conselho de Administração decida atribuir estatuto idêntico ao de mecenias, em virtude de liberalidades feitas à Fundação ou serviços relevantes que sejam prestados com vista dos fins estatutários.

Neste contexto, a Fábrica Social apresenta-se como um verdadeiro laboratório de actividades criativas, multidisciplinares e flexíveis. Em relação ao museu e galerias tradicionais ou a outros espaços institucionais, o objectivo é trabalhar em múltiplos lugares (de e para) e ser parte de uma rede de ideias e actividades.

Objectivos programáticos gerais:

- preservar e celebrar o trabalho do Mestre José Rodrigues;
- ser genuinamente inovador e inclusivo na programação e em todas as formas de trabalhar;
- criar uma zona de contacto de transversalidades que promova os novos paradigmas entre as artes, o conhecimento e a cidadania;
- accionar mecanismos de parcerias criativas com instituições culturais, educativas, empresas e outras;
- encorajar e apoiar a produção e o intercâmbio de ideias e práticas através da produção artística, exposição e disseminação sustentada em redes formais e informais;
- facilitar espaços dialógicos de experimentação para produtores e públicos através da criação de oportunidades de participação nos processos criativos e de intervenção, nomeadamente na cidade;
- promover a discussão, compreensão e apreciação das questões relacionadas com a arte contemporânea, disponibilizando um espaço-fórum para o debate crítico;
- debater e revelar as condições e os contextos nos quais o trabalho artístico é criado;
- criar espaços de acesso à produção e exposição de projectos e obras de artistas situados nas *periferias* dos circuitos de divulgação;
- investigar as poéticas e as políticas do espaço, promovendo estratégias de revitalização e de regeneração urbana;
- participar na consolidação da oferta cultural da cidade e da região;
- diversificar, atrair e fidelizar públicos (in)formados para a cultura;
- encorajar a experiência, a descoberta e o desenvolvimento da criatividade e competências de cada um;
- desafiar artistas para trabalhar no espaço público local com grupos específicos da comunidade.

Pré-programa

Apoiadas nestes princípios, propomos a criação de diferentes espaços / programas inter-relacionais:

- **Atelier de análise e confronto da obra do Mestre José Rodrigues**, constituindo-se como **espaço de exposições, reserva e arquivo documental**, visitas / dias-abertos, debates e edição;
- **Exposições temporárias** fundamentadas em redes de afectos e saberes transversais;

- **Residências e intercâmbios** nacionais, regionais e internacionais para artistas e instituições, que desenvolvam trabalho artístico original baseado na experiência de lugares e de pessoas, a partir das redes sociais, culturais e económicas locais e globais; os períodos de residência incluem a apresentação quer de processos criativos, quer uma exposição de trabalhos produzidos;
- **Formação e apoio à produção artística** dirigidos essencialmente a artistas situados nas *periferias* dos circuitos de divulgação;
- **Ações de aprendizagem e actividade editorial; tertúlia, leitura e espectáculos** que explorem contextos críticos para a arte contemporânea e encorajem a análise de diversos processos sociais, políticos e visuais que marcam a cultura portuguesa nos contextos contemporâneos;
- **Espaço introdutório sobre as memórias do lugar** que celebre um dos mais típicos aglomerados populacionais portuense de índole operária.

A Fábrica Social deve proporcionar experiências positivas que incentivem todos os visitantes a desenvolver um olhar crítico sobre o mundo que os rodeia assumindo-se como um serviço público participante de desenvolvimento⁷.

A Fábrica Social assume-se como um lugar estimulante e acolhedor, onde o envolvimento activo com as artes, com os artistas e com as ideias acontece. O espaço aqui proposto, combina a caducidade veloz dos eventos e a sua periodicidade e estas mudanças rápidas de cenários convertem-no num lugar elástico, dinâmico e propício à experimentação.

O programa deste espaço independente deverá materializar-se através de projectos artísticos e culturais que ultrapassem as fronteiras disciplinares: exposições, residências, palestras, ateliers e outras actividades educativas são o ponto de partida desta Fundação que entende o acesso à cultura como um processo contínuo e desafiador.

Esta Fábrica procurará explorar novas direcções e enquadramentos, afastando-se das noções românticas e modernas de cultura e arte, promovendo uma maior proximidade e trabalhando, lado a lado, com a comunidade local no desenvolvimento e concretização de projectos. Esta característica fundamental manifesta-se, ainda, na dualidade e diálogo contínuo quer com a cultura local quer com as mudanças globais que afectam as nossas vidas. A visão para este espaço que aqui propomos é a de um espaço para investigar e projectar futuros / utopias possíveis.

⁷ Estratégia de comunicação

Espera-se, por exemplo, que a Fundação: faça parte da estratégia de desenvolvimento integrado da comunidade / região (nomeadamente na sua vertente de regeneração urbana); demonstre um investimento / uma utilização otimizada dos seus recursos. A Fundação pode ser um importante catalisador de emprego, turismo e revitalização da área urbana enquanto fomentador de uma identidade positiva da zona em que se insere. Como *zona de contacto / performativa* que envolve, implicitamente, o diálogo e a cooperação, constitui-se como um terreno especialmente fértil para criar espaços dialógicos. Assim, e em conformidade com a missão da Fábrica Social, a estratégia de marketing da Fundação: deve afirmar a Fundação como um serviço público participante do desenvolvimento da comunidade; criar laços mais profundos e duradouros com a comunidade local, criando parcerias sustentáveis e não visitantes ocasionais; rever-se numa imagem dinâmica e proactiva.

ANEXO A

RECURSOS HUMANOS

1. - TRABALHADORES DEPENDENTES E PRESTADORES DE SERVIÇO

1.1. TRABALHADORES DEPENDENTES

1.1.1. - GESTOR/PRODUTOR

1.1.1.1. – FUNÇÕES

- DIRIGIR, TODAS AS AREAS DA FUNDAÇÃO, NOS LIMITES DOS PODERES DE QUE ESTÁ INVESTIDO;
- DESENVOLVER, ORGANIZAR E GERIR O PROGRAMA DE ACTIVIDADES DA FUNDAÇÃO;
- ESTABELECEER AS RELAÇÕES COM INSTITUIÇÕES PARCEIRAS NAS DIVERSAS ACTIVIDADES;
- GERIR E SUPERVISIONAR O TRABALHO DOS RECURSOS HUMANOS E DAS EQUIPAS PROFISSIONAIS CONTRATADAS PARA AS DIFERENTES ACTIVIDADES;
- DESENVOLVER ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO E MARKETING, BEM COMO CRIAÇÃO DOS MATERIAIS DE DIVULGAÇÃO.

1.1.1.2. - QUALIFICAÇÕES

- CAPACIDADE DE GESTÃO E PRODUÇÃO;
- ORIENTAÇÃO EMPRESARIAL E CONHECIMENTOS DE MARKETING;
- CONHECIMENTO E PRÁTICA EM METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO;
- BOM DOMÍNIO ESCRITO E FALADO DO PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS;
- EXPERIÊNCIA NA ÁREA NUM EQUIPAMENTO CULTURA.

1.1.2. - SECRETÁRIA/RECEPCIONISTA

1.1.2.1. – FUNÇÕES

- SECRETARIAR AS REUNIÕES PARA QUE FOR SOLICITADA E ELABORAR A RESPECTIVA ACTA;
- REDIGIR RELATÓRIOS, CARTAS, NOTAS INFORMATIVAS E OUTROS DOCUMENTOS.
- EXAMINAR O CORREIO RECEBIDO, SEPARAR, CLASSIFICAR E PREPARAR SEMPRE QUE POSSÍVEL AS RESPOSTAS;
- ORDENAR E ARQUIVAR CORRESPONDÊNCIA E OUTROS DOCUMENTOS;
- ACOLHER, INFORMAR E ORIENTAR OS VISITANTES;
- RECOLHER INFORMAÇÃO SOBRE VISITANTES;
- VENDER ENTRADAS E ADMISSÃO DOS VISITANTES.

1.1.2.2. - QUALIFICAÇÕES

- CONHECIMENTOS DE INFORMÁTICA NA ÓPTICA DO UTILIZADOR;
- BOM DOMÍNIO ESCRITO E FALADO DO PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS;

- BOA CAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO;
- CONHECIMENTO E INTERESSE SOBRE AS COLECÇÕES;
- EXPERIÊNCIA EM VENDAS.

1.1.3. – PORTEIRO/VIGILANTE

1.1.3.1. – FUNÇÕES

- VIGIAR E CONTROLAR ENTRADAS E SAÍDAS DAS PESSOAS E AS ENTRADAS E SAÍDAS DE MERCADORIAS E VEÍCULOS;
- RECEBER A CORRESPONDÊNCIA;
- ASSEGURAR A DEFESA, VIGILÂNCIA E CONSERVAÇÃO DAS INSTALAÇÕES E VALORES QUE LHE SEJAM CONFIADOS.

1.1.3.2. – QUALIFICAÇÕES

- SENTIDO DE RESPONSABILIDADE;
- BOA CAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO.

1.1.4. - AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS

1.1.4.1. – FUNÇÕES

- PROCEDER À LIMPEZA E ARRUMAÇÃO DAS INSTALAÇÕES;
- ASSEGURAR AS EXISTÊNCIAS DOS ARTIGOS DE LIMPEZA;
- ASSEGURAR A CONSERVAÇÃO DO EQUIPAMENTO À SUA GUARDA.

1.1.4.2. – QUALIFICAÇÕES

- SENTIDO DE RESPONSABILIDADE;
- BOA CAPACIDADE DE INICIATIVA.

1.2. PRESTADORES DE SERVIÇO

1.2.1. MUSEÓLOGO / PROGRAMADOR CULTURAL

1.2.1.1. FUNÇÕES

- EXPLORAÇÃO DAS COLECÇÕES E DESENVOLVIMENTO DO SEU PROGRAMA DE INVENTÁRIO E DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E PRESERVAÇÃO;
- GARANTIR A INTERPRETAÇÃO DAS COLECÇÕES;
- ELABORAR E EXECUTAR UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO SOBRE AS COLECÇÕES;
- DESENVOLVER E EXECUTAR UM PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES, RESIDÊNCIAS, OFICINAS, EDIÇÕES E OUTRAS ACTIVIDADES CULTURAIS E DE COMUNICAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO NA FUNDAÇÃO DIRIGIDAS A DIVERSOS PÚBLICOS;
- PROPOR E COLABORAR NA CONSTITUIÇÃO DE PARCERIAS COM A COMUNIDADE E INSTITUIÇÕES;

- COLABORAR NA GESTÃO FINANCEIRA E DE PESSOAL.

1.2.1.2. QUALIFICAÇÕES

- QUALIFICAÇÃO ACADÉMICA NA ÁREA DA MUSEOLOGIA;
- CAPACIDADE DE GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO;
- EXPERIÊNCIA EM GESTÃO DE PATRIMÓNIO MUSEOLÓGICO E CULTURAL E PROGRAMAÇÃO DE EVENTOS;
- PREFERENCIALMENTE, ESPECIALIZAÇÃO NUMA DAS ÁREAS TEMÁTICAS DA COLECÇÃO;
- CONHECIMENTO DE TÉCNICAS DE SELECÇÃO, AVALIAÇÃO, CONSERVAÇÃO, RESTAURO E EXPOSIÇÃO DE OBJECTOS E DOCUMENTOS;
- INTERESSE EM DESENVOLVER E CAPACIDADE DE GESTÃO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS E INSTITUCIONAIS DE ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL;
- BOM DOMÍNIO ESCRITO E FALADO DO PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS;
- CONHECIMENTOS SOBRE O PANORAMA CULTURAL E DE PROGRAMAS DE APOIO A ACTIVIDADES CULTURAIS.

1.2.2. TÉCNICO DE ACTIVIDADES EDUCATIVAS

1.2.2.1. FUNÇÕES

- PROMOVER O DESENHO E COMUNICAÇÃO DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO/APRENDIZAGEM;
- PREPARAR OS MATERIAIS E RECURSOS DE APOIO A ESSES PROGRAMAS;
- COORDENAR A RELAÇÃO COM PARCEIROS;
- COORDENAR E ORIENTAR AS VISITAS GUIADAS E OFICINAS;

1.2.2.2. QUALIFICAÇÕES

- FORMAÇÃO NA ÁREA DA MUSEOLOGIA / PEDAGOGIA / EDUCAÇÃO;
- EXPERIÊNCIA NUM SERVIÇO EDUCATIVO;
- CONHECIMENTO DOS OBJECTIVOS E CURRÍCULA DO SISTEMA EDUCATIVO;
- CONHECIMENTO DA TEMÁTICA DAS COLECÇÕES;
- BOA CAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO E GOSTO PELO TRABALHO EM EQUIPA;
- BOM DOMÍNIO ESCRITO E FALADO DO PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS;
- CONHECIMENTOS DE GESTÃO E DE MÉTODOS DE AVALIAÇÃO
- CAPACIDADE DE AVALIAÇÃO;

1.2.3. TÉCNICO DE SEGURANÇA

1.2.3.1. FUNÇÕES

- PLANIFICAR E EXECUTAR PROGRAMAS DE SEGURANÇA DO EDIFÍCIO, COLECÇÕES E PESSOAS (VISITANTES E PESSOAL);

- PLANIFICAR E EXECUTAR PROGRAMAS DE EMERGÊNCIA;
- MANUTENÇÃO DE CONTRATOS DE ALARME (ROUBO, ANTI-INTRUSOS E INCÊNDIO), SEGURANÇA E VIGILÂNCIA (CÂMARAS E FILMES);
- SUPERVISÃO E ESTABELECIMENTO DE TURNOS DE VIGILANTES.

1.2.3.2. QUALIFICAÇÕES

- FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA (BOMBEIROS, POLÍCIA, ETC.) DE ACORDO COM A FUNÇÃO;
- CONHECIMENTOS TÉCNICOS SOBRE O EQUIPAMENTO DE ALARME, SEGURANÇA E VIGILÂNCIA.

1.2.4. TÉCNICO OFICIAL DE CONTAS

1.2.4.1. FUNÇÕES

PLANIFICA, ELABORA E EXECUTA A CONTABILIDADE, TEM A RESPONSABILIDADE TÉCNICA, CONTABILÍSTICA E FISCAL DA CONTABILIDADE QUE LHE SEJA DELEGADA. É UM ELEMENTO DE LIGAÇÃO ENTRE A ESTRUTURA E O FISCO, SENDO COMO TAL RESPONSÁVEL PERANTE O ESTADO. ACOMPANHA, OBSERVA, REGISTA, ANALISA E COMUNICA TODOS OS FACTOS RELEVANTES PARA O FUNCIONAMENTO FINANCEIRO DA ESTRUTURA.

1.2.4.2. QUALIFICAÇÕES

ESTAR INSCRITO NA CÂMARA DOS TÉCNICOS OFICIAIS DE CONTAS.

DEVE SER UM TÉCNICO DE RIGOR, MÉTODO E TRANSPARÊNCIA E POSSUIR ALTO SENTIDO ÉTICO E PROFISSIONAL. GOSTAR DE TRABALHAR EM EQUIPA.

1.2.4.3. REGIME JURÍDICO

EM NOME INDIVIDUAL OU SOB A FORMA DE SOCIEDADE

1.1.4. AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS

1.1.4.1. FUNÇÕES

- APOIA A AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS PERMANENTE, EXECUTANDO O SERVIÇO DE LIMPEZA E ARRUMAÇÃO DAS INSTALAÇÕES, SOBRE A SUA ORIENTAÇÃO.